CATALOGO

DAS

OBRAS APRESENTADAS

NA 10.ª EXPOSIÇÃO TRIENNAL

E

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO ILL.mo E EX.mo SNR.

CONDE DE SAMODÃES,

VICE-INSPECTOR

DA

ACADEMIA PORTUENSE DAS BELLAS-ARTES

NA

RESPECTIVA SESSÃO PUBLICA

E

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS DA MESMA ACADEMIA

NO DIA 31 DO MEZ D'OUTUBRO DE 1869.

PORTO

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Largo do Correio, 6.

1869.

CATALOGO

DAS

OBRAS APRESENTADAS

NA 10.ª EXPOSIÇÃO TRIENNAL

E

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

CONDE DE SAMODÃES,

VICE-INSPECTOR

DA

ACADEMIA PORTUENSE DAS BELLAS-ARTES

NA

RESPECTIVA SESSÃO PUBLICA

E

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS DA MESMA ACADEMIA

NO DIA 31 DO MEZ D'OUTUBRO DE 1869.

PORTO
NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Largo do Correio, 6.

1869.

Senhores:

São decorridos tres annos desde que eu vim a este mesmo logar abrir a exposição de bellas artes. Então o meu espirito estava profundamente conturbado. — Não só as circumstancias especiaes d'esta academia eram desanimadoras, mas pessoalmente eu me achava vergado sob o pêso de desgraças de familia, que o tempo tem poder para obliterar, mas nunca para esquecer.

Volto hoje ao cumprimento da obrigação do meu cargo, abrindo a decima exposição triennal, e novamente me vejo no meio d'um auditorio selecto, em que tomam logar os professores da academia, os academicos de merito, e os alumnos mais distinctos, que vem receber os attestados do seu aproveitamento e os diplomas honrosos que são a recompensa e galardão do seu merito.

Se n'este momento, Senhores, eu posso dar-vos noticias menos melancolicas sobre o estado da nossa academia, nem por isso me é permittido dizer-vos que não aguardo ainda apprehensões serias sobre o seu futuro.

Ao zêlo e desvellada protecção do ex-ministro do reino o conselheiro João Baptista da Silva Ferrão de Carva-

lho Mártens, e do ex-director geral da instrucção publica o conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado deveu a academia portuense melhoramentos na sua dotação, que nos habilitaram para que ella adquirisse modêlos e obras proprias para o ensino, e se abrisse o curso nocturno d'architectura.

Depois da sua instituição deparou finalmente a academia com um ministro que se dignou volver-lhe as vistas, e se ainda são insufficientes os seus recursos, não é esta occasião propicia para ter aspirações mais latas.

Com as desfavoraveis condições geraes da causa publica padece como os outros estabelecimentos o nosso proprio, sem que por tal motivo se possa queixar. Não venha porém a mão sacrilega ou a ambição desmedida destruil-o pelo alicerce sob as falsas apparencias d'uma centralisação sensata ou d'um aperfeiçoamento indispensavel.

Baste-nos termos visto passar os annos da abundancia sem lhe conhecermos as colheitas felizes. Não seja na esterilidade geral que se especule ainda com o desprovimento de nossos celleiros.

Curta é a carreira que tem percorrido a nossa academia, e comtudo quam varias phases tem ella presenceado no paiz!

Nasceu no meio da febre ardente das idéas grandes e dos arrojados commettimentos. Após a guerra civil foi salutar essa reacção pacifica para as emprezas elevadas e d'alto alcance. Os grandes modêlos da antiguidade, o sentimento do bello e a magestade da arte dominaram o animo do legislador, surgindo, como por encanto, as academias, os atheneos e os pantheons.

Ephemera foi essa epocha de delirio e nobre enthusiasmo. Seguiu-se a idade ferrea das dissensões politicas. Dessecaram-se os espiritos, e a inspiração sumiu-se na

inanidade das paixões pequenas. As luctas voltaram, reviveram os odios, reappareceu negra, como sempre, a discordia carrancuda.

De novo porém raiou a aurora da bonança. Vieram dias mais serenos, e preponderou o positivismo. Os interesses materiaes obtiveram a preferencia. e os estadistas preoccuparam-se exclusivamente dos melhoramentos publicos, de que o paiz tão ávido se mostrava.

Muitas foram as decepções; onde o remedio se esperava, encontrou-se o aggravamento da molestia, porque imprudentemente se ministrára em dóses elevadas. Em breve foi mister aconselhar a dieta, e o quebrantamento manifestou-se em consequencia.

Veio a sêde das economias, proclamaram-se as reformas, e o espirito fiscal esvoaçou por toda a parte. A subjeição servil ás forças minguadas do thesouro foi a politica que substituiu a dos arrojos e imprevidencias.

Sob a pressão da necessidade os homens d'estado tiveram de vergar a cabeça aos argumentos inflexiveis dos algarismos, não podendo mais erguêl-a para alargar as vistas, encarando a extensa estrada, que lhes restava ainda a caminhar.

As bellas artes, que não podiam ainda ter encontrado opportunidade para se levantarem deveram mais uma vez esperar na rectaguarda das companheiras, que por mais immediatamente uteis obtiveram temporaria preferencia.

Se nem sempre uma esclarecida politica presidiu á administração do estado, se em dias se pretendeu vencer a obra dos annos, se a terra esterilisou, por não se guardarem no seu amanho as regras práticas d'uma agricultura sensata, se foi mister parar, tudo se deve resentir, porque parando retrocedeu-se. E com effeito com difficuldade se movem as rodas da maquina do estado, e a molla

principal precisa ser recomposta. Assim a romagem que faziamos de companhia com os outros povos civilisados tem de soffrer interrupção, para a recomeçarmos desde que as avarias estejam reparadas.

Lastimemos porém que não sigamos desde já a sciencia e a arte no seu rapido progredir. Lamentemos sobretudo nós os que amamos as artes do bello e ideal que cedendo ás contrariedades dos tempos ellas não possam firmar o vôo e patentear-nos as sublimidades que a sua esphera resplandente contém, e as magnificencias, que só ellas são susceptiveis de ostentar.

Não sejamos exigentes em demasia quando deparamos com os tropeços, que as rodeam, e encontramos os escolhos, que as cercam. Se são imperfeitos os seus fructos, e menos brilhantes suas manifestações, grandes são ainda suas victorias contra a adversidade, que as persegue.

A alma necessita paz e socego para elevar-se acima das pequenas miserias da vida material, de cujos laços ninguem póde desembaraçar-se.

Precisa recolhimento e tranquillidade aquelle que mereceu do ceo a graça d'uma harpa, em que dedilhe, d'um pincel para pintar, d'um buril para esculpir.

Dizer o que a alma sente, exprimir as esperanças do coração, definir o infinito dos desejos humanos, patentear as manifestações dos pensamentos e das paixões, não se consegue senão empregando uma lingoagem ineffavel, e essa só a conhecem os que receberam o dom incommunicavel da arte. Mas tudo isto é grande, é divino por assim dizer; e só o espirito, solto dos ligamentos carnaes, póde comprehender os mysterios da divindade, e penetrar os segredos da natureza; devassando os arcanos da philosophia e da metaphysica.

Nada de terreno e mesquino venha surprehender estas

cogitações, perturbar os pensamentos e quebrar o fio dos raciocinios: a obra resente-se immediatamente do abalo, que o author soffrêra.

Ide á Grecia, onde uma mythologia risonha amamentou grandes e vigorosos engenhos, e produziu opulentos trabalhos: ahi ao sol da liberdade se formaram os artistas, e se levantou a arte com toda a sua sublimidade. Hoje ahi encontrareis apenas as ruinas d'um passado glorioso. Os palacios esboroaram-se, e cahiram por terra os templos, que embora sem a magestade e grandeza da egreja christã, cobriam por milhares a patria de Phidias, d'Homero e Herodoto.

Desappareceram os deuses e os heroes, emudeceram os oraculos, e calaram-se as musas. A onda das revoluções, o pêso da tyrannia, o genio da destruição durante seculos seccaram as fontes, d'onde brotavam limpidas e crystallinas as aguas, que saciavam a sêde dos poetas e artistas.

Percorramos a terra dos Graechos, dos Scipiões e dos Cezares, e ahi verêmos desapparecer a inspiração, desde que a mão gloriosa d'Augusto e a protecção poderosa de Mecenas deixaram de patrocinar o genio. Sem esse auxilio robusto, a posteridade ficaria privada dos grandes modêlos e dos mestres classicos da idade aurea.

Ipse per ausonias æneia carmina gentes
Qui sonat, ingenti qui nomine pulsat Olympum
Mœonium que senem romano provocat ore,
Forsitan illius nemoris latuisset in umbra
Quod canit, et sterili tantum cantasset avena
Ignotus populis, si Mœcenate careret.

A' liberdade succede a tyrannia; a gloria e o gosto do

bello tiveram por herdeiros as licenciosidades de Tiberio, e Heliogabalo e os horrores de Nero.

A arte prostituida e celebrando os escandalos, que fazem tremer a humanidade, poude ainda produzir os templos, as estatuas e os monumentos dedicados a Baccho, e ás aventuras e amores dos deuses: a poesia encontrou tambem Catullio, Propercio, Tibullio e Ovidio, para elevar canticos aos mais repugnantes desvios da moral. Assim a corrupção espalhando-se por toda a parte, penetrando todas as classes e destruindo todas as virtudes, auxiliada pelo talento, propagada pelo genio, favorecida pelo poder, deveo forçosamente dar uma victoria facil e ignominiosa, um funebre e funesto triumpho ao despotismo, e depois d'este á escravidão.

A barbarie e o sceptro de ferro dos conquistadores fez esquecer todos os preceitos e regras da arte: perderam-se as fórmas simples e elegantes da architectura grega, e só com o crepusculo da renascença appareceu a arte bysantina, a lombarda e a gothica ogival. Succedia uma arte a outra arte, e aquella avançava quando o sentimento do bello se desenvolvia e uma idéa mais elevada da divindade substituia outra mais apoucada. E' então que a cathedral de Cologne começa a elevar as suas fórmas triangulares, a grande basilica de Milão as symbolicas agulhas, Burgos as suas ogivas; a Batalha o luxo deslumbrante dos seus sumptuosos ornatos.

Ao mesmo tempo que a severa e solitaria concepção da divindade do culto d'Islam importada pelos Arabes, espalhava na mesquita de Cordova e na voluptuosà Alhambra os arabescos e as legendas de Bassora, Bagdad e Damasco, a arte christã tornando Deus communicavel e sensiveis as imagens espirituaes levantava as cathedraes de Barcellona, Segovia e a portentosa de Sevilha: a Italia via

erguer S. Marcos de Veneza, S. Miguel de Florença, as egrejas de Sienna, Orvieto e Padua. Em França desde as cathedraes d'Amiens e Beauvais até á Santa Capella e Nossa Senhora respira-se o mesmo sentimento e reconhece-se igual inspiração na immensa profusão de monumentos.

O espirito religioso era predominante, e nem os povos nem os reis se poupavam a despezas para que os edificios destinados ao exercicio do culto manifestassem toda a magestade e grandeza do alto objecto do seu destino.

O povo d'Athenas encarregando Phidias de esculpir uma estatua de Minerva lhe recommendava que nada poupasse para que esta obra fosse digna de todos e da grandeza do assumpto: da mesma fórma o senado de Florença commettendo a Arnolfo a reconstrucção de Santa Reparata só lhe dizia que fosse tal o edificio que nada se pudésse inventar nem mais bello nem que melhor pudésse provar o poder dos homens.

Todos á porfia concorriam com suas offertas para os grandes monumentos, que produziu a época do renascimento, e as recompensas pecuniarias e honorificas não deixaram de premiar os architectos, os esculptores e pintores, que, segundo o gosto e estylo do tempo, se tornavam insignes no desempenho dos trabalhos que lhes eram incumbidos.

Quando seculos depois se abriu um novo seculo, que deveu o seu nome a um rei de França, como anteriormente outro o tomára d'um pontifice, as bellas artes reassumiram a sua influencia não só onde a protecção era mais directa, mas onde mesmo se lhe sentia apenas o influxo.

Os Borghese, os papas Benedicto e Clemente, e seu successor Pio VI, e outros dilectos da fortuna da Hespa-

nha e d'Inglaterra dispenderam sommas fabulosas na acquisição de obras originaes e cópias, e atravez dos defeitos do rococo a arte caminhou para a seriedade e moralisação que hoje a separa da corrupção d'eras menos pudicas.

Os monstros e os demonios principiaram a occupar menos o talento dos artistas, as imagens lascivas começaram a causar desgosto e tedio, e a arte já no estudo dos tempos classicos, já meditando os modêlos legados pelas eras de fé viva e fervor religioso, já finalmente procurando imitar a natureza, ultimo termo da perfeição imaginaria tomou o verdadeiro caminho para attingir o termo da sua carreira indefinida.

Esta pronunciada tendencia da arte tem sido presenceada por nós todos. A França suffocou n'um mar de sangue as devassidões da côrte e da aristocracia nos reinados de Luiz XIV, da Regencia, e de Luiz XV, e quando acordou da sua cruel embriaguez, viu dominando sobre si um outro Cesar, que renovava a era d'Augusto com o duplo brilhantismo d'uma espada gloriosa e do genio do estadista.

Encontrára elle a sociedade destruida, vacillante entre a liberdade e o despotismo, a ordem aniquilada, grossas tempestades despejando vendavaes e vomitando raios, e sobre este cahos ergueu-se elle com toda a energia d'um genio poderoso. Appareceu o homem á altura da crise, e com a espada fulminante subjugou a anarchia, levando o terror ás nações e aos thronos, derrocando uns, erguendo outros, e ao mesmo tempo escrevendo os codigos, e fazendo florescer as sciencias e as artes. Por esta fórma ergueu um imperio, que baseou em alicerces solidos, e por isso teve forças para resurgir, e voltar dos rochedos áridos, das longas agonias de Santa Helena, e das terras

do exilio, prostrando por terra a dynastia, que contava sessenta cabeças coroadas, e ungidas pelo chrisma sagrado.

E' durante esta época de combates e victorias que a salutar reacção nas artes se mostra mais caracteristica. O impulso dado por Julien, Moitte et Chaudet tem o epilogo em Canova, e a escóla de Barbier, Regnault e Vien encontra em David a sua mais elevada personificação.

O primeiro deixou-nos a Magdalena, Hercules e Lycas, o Amor e Psyche; o segundo legou-nos o juramento dos Horacios, a morte de Socrates, Helena e Paris. Basta! estes grupos, estes quadros são uma época completa, uma escóla acabada, outras tantas epopêas.

Estará porém o seculo decimo nono reservado para vêr ainda ao começar o crepusculo do seu occaso a declinação das bellas-artes?

Não o devemos crêr. O seculo vai entrar no ultimo periodo da sua missão providencial.

Tem elle sido uma época de transformação e profunda transição. Não será facil prevêr se elle a completará, mas qualquer que seja a ultima palavra da sua historia é indubitavel que nos annaes da humanidade não ficará desapercebida a sua passagem. Seria porém para sentir se depois da sua adolescencia marcial, e da sua virilidade inventora, viesse a decrepitude com uma esterilidade ignominiosa, dominada pela agiotagem insaciavel, chamada a punir as prodigalidades da idade das paixões e dos commettimentos temerarios.

Póde o seculo envelhecer, mas não deixa de ser sempre joven a humanidade. A' velhice succede a juventude, á morte a vida, á destruição a organisação. A mocidade mostra-se cada vez mais applicada, e precoce nos seus conhecimentos. Os erros do passado são demasiado conhecidos para que d'elles se acautele. Assim a historia,

que foi frivola e mentirosa, apresenta-se sevéra e verdadeira: a philosophia que renegára a fé e rebaixou os homens ao nivel dos brutos, vella o rosto e torna-se crente: as boas lettras, que se prostituiram na adulação e linguagem descomedida, elevam-se e rehabilitam-se: as bellas-artes, que se deprimiram e humilharam, erguem a fronte e procuram a verdade no vasto espectaculo da natureza. A vivacidade das paixões e a linguagem da calumnia não sahem da arena das contendas politicas, em que a ignorancia rivalisa tantas vezes com os sentimentos ruins. Na esphera serena da litteratura, da sciencia, da arte a geração moderna é irreprehensivel, e tão apurado está o gosto que se não toleraria um desvio apreciavel.

Por esta fórma todos os conhecimentos humanos em suas diversas manifestações concorrem para a perfeição, e se congregam n'uma unidade harmonica, tendo por guia a estrella polar, que desde o principio dos tempos conduz os homens são e salvos atravez dos perigos, no meio dos baixios e parceis, esclarecendo-os nas trevas e tormentas, e encaminhando-os para o fim ultimo dos seus destinos, o cumprimento das promessas do evangelho, da boa nova annunciada a toda a terra.

Não faltam as vocações nem deixam de surgir os espiritos privilegiados. Sem cessar se fazem ouvir as almas afinadas pelas lyras celestes, porque tambem sem cessar se escuta a harmonia da natureza, e nem um momento cança a mão de Deus de abençoar a sua obra e dirigil-a para o complemento dos seus designios sobre ella.

Passem os tempos muito embora, venham os incidentes perturbar a marcha natural do progresso humano, appareçam contrariedades umas sobre outras: a missão tem de cumprir-se e a eternidade é sufficiente para que ella se complete.

Somos impacientes, porque é nosso o momento actual, e o seguinte pertence ao futuro, que o reserva para outros. As apparencias fallazes, que nos cercam, levaram os maiores genios ao desespero, ao materialismo, á immoralidade, porque na estreiteza do tempo não achavam modo de satisfazer as suas aspirações, e concentrando-se no individualismo, não comprehenderam que eram apenas parte d'um todo, e que a este pertencia toda a serie dos tempos.

E' á grande familia, que se denomina genero humano, que compete a missão providencial que lhe designou o Creador; é a elle e não ao homem, seu membro apenas, que cumpre desempenhal-a no tempo e no espaço. Todos tomamos uma parte n'esta tarefa e é mister não falsearmos o nosso papel para não perturbar a harmonia da composição.

A's bellas-artes, mais, que a nenhum outro ramo dos conhecimentos humanos cabe uma parte mais importante e menos subjeita a contingencias. Os seus triumphos não duram um só dia; a sua influencia não depende do acaso das circumstancias. Superior á lei fatal da destruição os sacerdotes, que lhe servem os altares, partilham quasi d'este dom d'immortalidade. Elles vivem no seu tempo e saboream já os applausos, que excitam as suas obras, mas é ainda mais para a posteridade que elles vivem e trabalham. Mais duradouras as suas memorias do que as dos conquistadores, estes teriam de sumir-se na voragem dos tempos se os não salvasse do esquecimento a mão d'aquelles.

Ao contrario do artista, que obscuro trabalha no seu gabinete, o homem d'estado apparecendo por um momento na representação theatral do poder, vê em breve esquecido o seu nome, os seus actos e a sua influencia, sepul-

tando-se a seu turno no rio do olvido os que lhe succedem, cuja sorte não é mais favorecida. O privilegiado da arte sobrevive ao seu aniquilamento, porque transmitte-se-lhe o nome nos monumentos e nas obras, que uma fantasia feliz lhe fizera conceber e executar.

A nossa academia, destinada ao estudo e ensinamento das artes, que possuem este venturoso condão, tem apenas encetada a carreira, e se quer na infancia já mostra o que será na idade da força, se em vez de ser entorpecida no seu desenvolvimento, auras fagueiras lhe ajudarem os vôos.

Não foi esteril o triennio que acaba de passar-se, como tive a honra de expôr ao principiar. Finalmente conheceu-se que ao norte do reino existia esta academia, e que a justiça destributiva mandava que fosse contemplada com parte dos minguados recursos de que o estado póde dispôr. Além do augmento da sua dotação, foram mandados a Paris dois dos seus alumnos mais distinctos para concluirem a sua educação artistica nos ramos d'esculptura e architectura. Abriu-se concurso e depois d'exames rigorosos entre todos mereceram esta distincção os academicos, que sob a direcção dos primeiros mestres estão completando os seus estudos. Alguns dos seus trabalhos são patentes na exposição, e a academia se honra com elles. A' exposição universal de Paris foi tambem mandado um professor da academia, que publicou um estudo dos trabalhos artisticos, que examinou n'aquelle concurso cosmopolita. Tambem alli poderam ir com um tenue auxilio, pago pelo estado, um alumno da academia, que em architectura se havia tornado distincto, e um artista portuense que da gravura tem feito o objecto especial da sua applicação.

A academia recebeu com gratidão estas provas de be-

nevolencia, que lhe deu o poder central, cumprindo d'est'arte imparcialmente o seu dever e mostrando que nem sempre se é injusto quando se occupam os lugares eminentes da governação da republica.

Não foram, nem serão perdidos e malbaratados os soccorros, que o estado prestar a este estabelecimento artistico e aos seus filhos, que mais se destingam. Se o estudo das sciencias cria e fórma a idêa, a arte representa-a, dando-lhe corpo e vida.

Senhores. A academia julgou não poder commemorar mais dignamente o anniversario natalicio do Augusto Chefe do Estado do que destinando-o para a abertura da sua decima exposição. Este principe se ainda não obteve o epitheto de rei artista, como appellidam a seu pae, nem por isso tem inferiores titulos, para o merecer.

Não serei eu que n'este lugar m'incumba de fazer o seu elogio e de poder ser taxado assim de lisongeiro. Mais que a outro qualquer seria para mim improprio tal papel, depois que tive a honra de ser seu ministro. Permitta-se-me pois que passe em silencio sobre as suas elevadas qualidades, e que apenas recorde os seus dotes como artista, porque não são elles os que mais se admiram no esplendor do solio, mas são antes quasi sempre a magra fortuna dos pequenos e humildes. Proteger a arte é dos poderosos, mas conhecêl-a e cultival-a é dos modestos. Basta a riqueza e posição para a patrocinar, é mister porém o talento para a comprehender.

Não são estas as qualidades que a historia celebra e commenta nos reis: mas são ellas as que provam o homem de coração, o espirito abençoado por Deus, a razão alumiada pela comprehensão clara das suas obras.

Sejam ainda estas qualidades excepcionaes um bom presagio para a prosperidade da academia, que, distante

das intrigas e vaivens das facções politicas, continúa socegada e conscienciosa na carreira que lhe traçára o seu fundador.

Deverá ella completar-se divulgando a instrucção tão necessaria ao artista. Não basta ser poeta para se imaginar um assumpto e desempenhal-o. E' mister tambem ser philosopho, conhecer a natureza humana e comprehender os preceitos da esthetica. Não basta ainda estudar Winckelmann, Sulzer e Lessing, é tambem indispensavel frequentar e possuir a escóla. Não basta finalmente saber imitar e estudar os modêlos, é igualmente necessario recorrer á natureza e encontrar n'ella o verdadeiro mestre.

E' o que academia portuense fará um dia: será nas suas aulas que os filhos do Porto encontrarão todos os meios, de que carecem, para dirigirem e aperfeiçoarem as vocações que tão communs lhes são, como frequentes se patenteam as aptidões para destinos tão diversos, em que não raros se tornam insignes. Assim esta terra, que ás outras portuguezas não cede o passo, continuará a illustrar os seus annaes adquirindo novos titulos á estima publica.

Disse.

CATALOGO

DAS

OBRAS APRESENTADAS

NA

10.ª EXPOSIÇÃO TRIENNAL

DA

ACADEMIA PORTUENSE DAS BELLAS-ARTES

NO ANNO DE 1869.

DESENHO

De Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, professor de desenho historico na Academia portuense das Bellas-Artes, morador no campo da Regeneração n.º 22.

1 — Desenhando um retrato, composição original a esfuminho, destinada para a Academia, para satisfazer ao art.º 11 dos estatutos.
alt. 0,65 — larg. 0,50.

Do Snr. João Antonio Corrêa, pintor d'historia e de retratos, e professor de pintura na Academia portuense das Bellas-Artes, morador no largo do Corpo da Guarda n.º 32.

2 — Retrato de Filinto Elysio, copiado do quadro original que existe no Atheneu D. Pedro.
3 — Retrato do fallecido Joaquim Rodrigues Braga, Director e professor de pintura historica da Academia portuense das Bellas-Artes, offerecido pelo auctor á Academia.

2

4 — Cabeça d'estudo pelo natural.
5 } Dous estudos copiados pelo natural. Pertencem ao
6 } Ex.mo Snr. Antonio José da Silva.

Do Snr. Thomaz Augusto Soller, morador na rua das Taipas n.º 35.

7 — Figura d'estudo d'homem sentado, desenhada pelo modêlo vivo para exame do 5.º anno, e julgada unanimemente digna do 1.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1867.
8 — O retrato a lapis do celebre tragico italiano Rossi, cópia de photographia (busto, meio natural.)
9 — O retrato do Ill.mo Snr. Serafim Morgado, copiado a lapis d'uma photographia, (meio corpo, um terço do natural).

João Marques da Silva Oliveira, morador na rua das Oliveiras n.º 37.

10 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia, para exame do 5.º anno, e pela qual lhe foi unanimemente conferido o 1.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.
11 — Um Fauno com o cabrito, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco, para exame do 4.º anno, approvado e julgado digno de elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.
12 — Venus de Medici, desenhada a esfuminho pelo gêsso em papel branco.
13 — Um anjo, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

Do Snr. João Martins Pereira de Mattos, estudante do 5.º anno de desenho historico (2.º premio) morador na rua da Rainha n.º 294.

14 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia para exame do 5.º anno, e pela qual lhe foi unanimemente conferido o 2.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. Antonio Maria de Carvalho, estudante do 5.º anno de desenho historico, natural da Covilhã, e residente no Porto, só com o fim de seguir o estudo das Bellas-Artes.

15 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia e pela qual foi approvado e julgado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. Joaquim Teixeira da Silva, com os cursos de desenho e d'esculptura, morador na casa da da Igreja de Santo Ildefonso.

16 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia para exame do 5.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.

17 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia.

18 — Academia copiada por outra, desenhada em Paris pelo academico de merito o Snr. Guilherme Antonio Corrêa.

*

19 — Academia copiada por outra, desenhada em Paris pelo academico de merito o snr. Guilherme Antonio Corrêa.

20 — O Fauno com o cabrito, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 4.º anno, e pelo qual foi approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1867.

21 — Retrato do fallecido conselheiro José Joaquim Rodrigues de Basto, desenhado a esfuminho por uma photographia.

22 — Cabeça d'estudo desenhada a esfuminho, cópia d'outra pintada a oleo.

Do Snr. Theodoro Pinto dos Santos Fonseca, estudante do 1.º anno de pintura historica, morador na praça de S. Roque n.º 17.

23 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo para exame do 5.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.

24 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia.

25 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia.

Do Snr. Joaquim Victorino Ribeiro, morador na rua de cima de villa.

26 — Figura d'estudo d'homem, desenhada pelo modêlo vivo na aula do nú da Academia.

27 — Academia copiada por outra, desenhada em Paris pelo academico de merito o Snr. Guilherme Antonio Corrêa.

Estes dous estudos serviram de provas que o conselho academico exigiu para permittir que o alumno fosse admittido á matricula do 1.º anno de pintura historica.

Do Snr. Antonio Carvalho da Silva Porto, estudante do 4.º anno de desenho historico.

28 — O Fauno com o pequeno, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 4.º anno, e pelo qual foi approvado e julgado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

29 — O Fauno com o cabrito, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

30 — O pequeno agarrado ao pato, desenhado a esfuminho em papel branco.

31 — O Laocoonte, torso, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

32 — A Magdalena de Canova, desenhada a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

33 — O Illissus, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

Do Snr. José Carlos da Costa, estudante do 4.º anno de desenho historico, e morador na travessa de Cedofeita n.º 41.

34 — O Gladiador combatendo, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 4.º anno de desenho historico, e approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. José Vasques, estudante do 4.º anno de desenho historico.

35 — A Venus de Milo, desenhada a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

36 — O Fauno com o pequeno, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 4.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

37 — O pequeno agarrado a um pato, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

Do Snr. Antonio José Gomes Moreira, estudante do 3.º anno de desenho historico.

38 — O torso do Apollino, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco.

39 — O torso d'um Fauno, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 3.º anno, e pelo qual foi approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. Antonio Maria da Costa Oliveira, estudante do 3.º anno de desenho historico e morador na rua de Germalde.

40 — O Illissus, desenhado a esfuminho pelo gêsso em papel branco para exame do 3.º anno, e pelo qual foi approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Da Ex.ma Snr.a D. Claire Wilson de Rezende, discipula de seu pae o Snr. Francisco José Rezende,

substituto de pintura historica da Academia portuense das Bellas-Artes.

41 — O busto d'Alexandre de Macedonia desenhado pelo gêsso em papel Ingres (maior que o natural.)

42 — O busto de Manoel José Carneiro, desenhado pelo gêsso em papel Ingres (maior que o natural.

43 — O busto de Manoel José Carneiro desenhado pelo gêsso em papel Ingres (maior que o natural.) (Este busto foi esculpido pelo dito Snr. Francisco José Rezende).

44 — O écorché de M.r Codron, desenhado pelo gêsso em papel Ingres.

Da Ex.ma Snr.a D. Arminda Maya d'Amorim Braga, discipula do Snr. João Antonio Corrêa, moradora no largo do Viriato n.º 3.

45 — Retrato de mulher, copiado d'um quadro a oleo (original flamengo.)

alt. 0,73 por 0,59.

46 — David, copiado d'uma gravura de Pedro Savorelli Guido Cagniacci.

alt. 0,475 por 0,750.

Da Ex.ma Snr.a D. Sophia Maya d'Amorim Braga, discipula do Snr. João Antonio Corrêa, moradora no largo do Viriato n.º 3.

47 — Santa Thereza, desenho a dous lapis, copiado d'uma lithographia de Julien-Gerard.

alt. 0,645 por 0,510.

48 — Ecce-Homo, cópia d'uma lithographia de Julien.

alt. 0,73 por 0,59.

Do Snr. Roberto d'Amorim Braga, discipulo do Snr. João Antonio Corrêa, morador no largo do Viriato n.º 3.

49 — S. Jeronymo, cópia d'uma lithographia do Snr. João Antonio Corrêa (Luca Giordano).
alt. 0,73 por 0,59.

50 — Cabeça d'um guerreiro, cópia d'uma lithographia a dous lapis de Julien-Rudder.
alt. 0,645 por 0,510.

51 — Cheval cauchois, cópia d'uma lithographia de Victor Adam.
alt. 0,485 por 0,380.

Da Ex.ma Snr.a D. Giselda da Silva Milheiro, discipula de Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, moradora no largo de Santo Ildefonso.

52 — Um menino com um feixe de trigo (allegoria do estio) desenhado a esfuminho d'um baixo relêvo em gesso.

53 — Um menino com uma porção de cachos d'uvas (allegoria do outono) desenhado a esfuminho d'um baixo relêvo em gesso.

Da Ex.ma Snr. D. Maria Amelia Ferreira Borges, discipula de Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, moradora na rua do Bomjardim.

54 — Mon Dieu, Conservez-moi mon père, desenhado a esfuminho em papel branco.

Da Ex.[ma] *Snr.*[a] *D. Thereza de Lima Vieira Fernandes,* discipula de Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, moradora em Cima do Muro.

55 — Rebecca na fonte, desenho a esfuminho em papel branco.
56 — Judith matando Hollophernes, desenho a esfuminho em papel branco.
57 — Thamar e Judá, desenho a esfuminho em papel branco.
58 — Abraham despedindo Agar, desenho a esfuminho em papel branco. Estes quatro desenhos são copiados das gravuras a maneira negra pelos quadros d'Horacio Vernet.
59 — A saudade sentida por dous, desenho a esfuminho em papel branco.
60 — A innocencia entre dous ladrões, desenho a esfuminho em papel branco.

Da Ex.[ma] *Snr.*[a] *D. Maria Candida de Lima Nogueira,* discipula do Snr. Abdon Ribeiro de Figueiredo, moradora na rua da Alegria n.º 278.

61 — Um vaso com fructas, desenhado a esfuminho.

LITHOGRAPHIAS

Do Snr. João Antonio Corrêa, pintor d'historia e de retratos, e professor de pintura, morador no largo do Corpo da Guarda n.º 32.

1 — Santa Izabel Rainha de Portugal, dando esmola, exemplar offerecido pelo auctor á Academia, e pelo mesmo lithographado á vista do seu quadro original a oleo que havia exposto ha tres annos.

2 — Retrato do Ex.^{mo} Duque de Loulé, exemplar lithographado e offerecido pelo auctor á mesma Academia.

GRAVURA EM MADEIRA

Do Snr. João Pedroso Gomes da Silva, academico de merito e professor interino de gravura em madeira na Academia Real das Bellas-Artes de Lisboa.

1 — Um quadro contendo doze gravuras que formam o album distribuido pela sociedade promotora das Bellas-Artes em Portugal aos seus socios no 7.º anno. — Entre estas gravuras distingue-se uma gravada por Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz.

PINTURA

Do Snr. João Antonio Corrêa, professor de pintura na Academia portuense das Bellas-Artes, pintor d'historia e de retratos, morador no largo do Corpo da Guarda n.º 32.

1 — Auto da Fé, quadro de composição original, destinado para a Academia para satisfazer ao artigo 11 dos Estatutos.
2 — Uma lebre, estudo copiado do natural. — Pertence ao Ex.mo Snr. Antonio José da Silva.
3 — Cabeça d'estudo.
4 — Retrato do Ill.mo Snr. Joaquim Domingues d'Oliveira.
5 — Retrato do Ill.mo Snr. Augusto Pinto Chaim, residente no Rio de Janeiro.

Do Snr. Francisco José Rezende, professor substituto de pintura na Academia portuense das Bellas-Artes, pintor d'historia e de retratos, morador na rua da Alegria n.º 259.

6 — S. Paulo, busto ao natural, destinado para a Academia, para satisfazer ao artigo 11 dos Estatutos.
alt. 0,77 — larg. 0,55.
7 — A procissão das almas, costumes do Minho — Antes da missa das almas o abbade, acompanhado pelos ouvintes, reza no meio da igreja um padre-nosso e ave-maria, e, sahindo pela porta principal, dá volta sobre o lado da sacristia rezando outro padre-nosso e ave-maria em frente da porta travessa: — em quanto dura esta ceremonia religiosa se conser-

va o juiz da cruz diante do reverendissimo formando com os que o cercam um grupo distincto. Concluido este acto, que tem lugar na igreja parochial de S. Thiago de Rebordães, entra o sacerdote no templo para celebrar a missa; depois, quasi no fim, sae um homem da capella-mór com um cesto na mão por entre o povo pedindo para as almas, recebendo, d'uns, dinheiro, d'outros, brôas, ovos, gallinhas, etc. etc., havendo depois leilão de tudo, fóra da igreja ao lado da torre, e sendo o producto applicado para as almas; e é por isto que o quadro tem a denominação de *procissão das almas.*

alt. 1,33 — larg. 0,94

8 — Retrato em pé do fallecido filho mais velho do Ex.^{mo} Conde de Samodães, pintado a oleo por uma photographia.

Do Snr. Ercoli Calvi, academico de merito da Academia portuense das Bellas-Artes, residente em Verona.

9 — Paisagem (o amanhecer) offerecida á Academia como obra de recepção na conformidade do artigo 14 dos Estatutos.

10 — Paisagem (o pôr do sol) offerecida pelo auctor ao Ex.^{mo} Conde de Samodães, que é o expositor e possuidor.

Do Snr. João Pedroso Gomes da Silva, academico de merito e professor interino de gravura em madeira na Academia Real das Bellas-Artes de Lisboa.

11 — Desarvoramento do vapor de guerra Lince rs. 36$000

12 — Vista da alfandega de Lisboa . . . . rs. 22$500
13 — Porto da Ericeira . . . . » 22$500
14 — Falua (barco do Tejo) . . . . » 22$500
15 — Bateira (idem) . . . . » 18$000
16 — Chalupa . . . . » 18$000
17 — Galeota hollandeza . . . . » 18$000

Do Snr. Leonel Marques Pereira, natural de Lisboa, onde é morador na Calçada da Graça n.º 13.

18 — A volta do mercado.
alt. 0,81 — larg. 1,10.
Este quadro fórma pendant com outro «o mercado» que pertence a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando.

Do Snr. Isaias Newton, premiado com a medalha de prata pela Sociedade promotora das Bellas-Artes em Portugal.

19 — O valle de Campolide (arrabaldes de Lisboa) 45$000
0,46 por 0,33.

De M.r Pellereau, pintor francez morador no largo do Carmo n.º 6.

20 — Retrato a oleo, d'um Calabrez.
alt. 7 — larg. 0,90.
21 — Um quadro de costumes.
alt. 0,55 — larg. 0,48.
22 — Um quadro de costumes.
larg. 0,85 — alt. 0,65.

Do Snr. Francisco José de Sousa Junior, morador na rua do Caes dos Guindaes n.º 86.

23 — Irene tirando as setas do corpo de S. Sebastião, quadro de composição original para exame do 5.º anno de pintura historica, pelo qual foi approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1867.

Do Snr. Alvaro Barroso Pereira Salazar, estudante do 3.º anno de pintura historica, morador na rua de S. Lazaro.

24 — Uma cabeça d'estudo, pintada pelo modêlo vivo para exame do 2.º anno e pela qual foi plenamente approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.

25 — Uma academia pintada pelo modêlo vivo para exame do 3.º anno, e pela qual foi plenamente approvado e considerada digna d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. José Caetano de Lima, estudante do 2.º anno de pintura historica.

26 — Uma cabeça d'estudo pintada pelo modêlo vivo para exame do 2.º anno, pela qual foi plenamente approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

27 — Estudo academico, cópia d'outro pintado em Paris pelo substituto de pintura o Snr. Francisco José Rezende.

Do Snr. Manoel Antonio de Moura, estudante do 2.º anno de pintura historica.

28 — Uma cabeça d'estudo, pintada pelo modêlo vivo para exame do 2.º anno, pela qual foi plenamente approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. Theodoro Pinto dos Santos Fonseca, estudante do 1.º anno de pintura historica, morador na praça de S. Roque n.º 17.

29 — Estudo pelo gêsso para exame do 1.º anno, pelo qual foi plenamente approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Do Snr. Eduardo Teixeira Pinto Ribeiro, com os cursos completos de desenho e pintura na Academia portuense das Bellas-Artes, morador no largo da Batalha n.º 94.

30 — Retrato do auctor.
alt. 0,51 — larg. 0,43.

31 — Copo e fructa.
alt. 0,37 — larg. 0,51.

32 — Um pobre, esboço original.
alt. 0,56 — larg. 0,43.

Do Snr. Augusto Marques dos Santos, morador na rua de S. Lazaro n.º 348.

33 — Marinha, cópia d'um quadro de Luiz Assencio Tomasini.
alt. 0,55 — larg. 0,92.

34 — Paisagem, esboço pelo natural.
alt. 0,25 — larg. 0,47.

Do Snr. Leopoldo Americo Miguez, como amador, morando na rua d'Entre-Paredes n.º 39.

35 — O inverno, copiado pelo expositor d'outro pintado por Schenk.
alt. 1,33 — larg. 1,04.

Do Snr. José Marçal Brandão, morando na rua de Santo Ildefonso n.º 56.

36 — Uma vista de Carreiros ao norte da Foz do Douro, copiada do natural pelo expositor.
alt. 0,53 — larg. 0,68.

37 — Amalfi, pintada pelo expositor, cópia d'uma gravura.
alt. 0,47 — larg. 0,58.

38 — The Havrest-Feeld, pintado pelo expositor, cópia d'uma gravura.
alt. 0,47 — larg. 0,58.

AQUARELLAS

Da Ex.ma Snr. D. Maria Amalia Vieira Ramos, discipula de Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, moradora em Cima do Muro.

39 — O ar, paisagem, aquarella cópia d'outra.
40 — Vista de neve, paisagem, aquarella cópia d'outra.
41 — Uma vista da Normandia, aquarella cópia d'outra.
42 — Uma vista da Suissa, aquarella cópia d'outra.

Da Ex.ma Snr.a D. Amelia Augusta de Lima Nogueira, discipula do Snr. Abdon Ribeiro de Figueiredo, moradora na rua da Alegria n.º 278.

43 — Um esquilo e fructas colorido em sêda branca.

ESCULPTURA.

Do Snr. Manoel da Fonseca Pinto, esculptor da Real Casa de Sua Magestade, Director interino da Academia portuense das Bellas-Artes, e professor d'esculptura, morador na rua de Santa Catharina.

1 — Cabeça d'um ancião, estudo pelo natural, de grandeza colossal, destinada para a Academia para satisfazer ao art.º 11 dos estatutos.

Do Snr. Francisco José Rezende, substituto de pintura na Academia portuense das Bellas-Artes, pintor d'historia e de retratos, morador na rua da Alegria.

2 — Uma scena contemporanea (grupo em barro), duas figuras de 0,22 d'altura.
3 — Um mendigo, meio natural.

Do Snr. Antonio Soares dos Reis, alumno pensionista d'esculptura em Paris.

4 — Uma academia sentada, cópia do modelo vivo, moldada em gêsso, primeira remessa dos seus estudos em Paris sob a direcção de M.r Jouffrois.
5 — Uma academia em pé, cópia do modelo vivo, moldada em gêsso.
6 — O pequeno tirando um espinho do pé, cópia do antigo, moldado em gêsso.
7 — Um baixo relêvo, Achilles entregando sua amante Briseis aos enviados d'Agamemnon, esboço moldado em gêsso, e composição original.

Estas tres ultimas obras são a segunda remessa do mesmo alumno como provas das tres especies d'estudo que ordinariamente se seguem na Escóla Imperial e especial de Bellas-Artes, e que na conformidade das respectivas instrucções ficam pertencendo á Academia.

Do Snr. Antonio Augusto Firmino dos Santos Almeida, estudante do 4.º anno d'esculptura.

8 — Uma academia em barro, cópia do modêlo vivo para exame do 4.º anno, e pela qual foi plenamente approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

9 — Nossa Senhora, o menino e S. João, baixo relêvo em barro, cópia do gêsso.

10 — Cabeça d'Homero, baixo relêvo em barro, cópia de medalha.

11 — Venus, baixo relêvo em barro, cópia de medalha.

12 — Cabeça de S. Pedro, baixo relêvo em barro, cópia de medalha.

13 — Uma cabeça de menino, moldada em gêsso.

14 — O retrato do auctor, baixo relêvo, moldado em gêsso.

Do Snr. Antonio José Gomes Moreira, estudante do 3.º anno, e oppositor ao concurso magno triennal d'esculptura no anno lectivo ultimamente findo.

15 — O filho prodigo, grupo moldado em gêsso, composição original para o concurso triennal d'esculptura.

16 — Idumeneo sacrificando seu filho, esboceto original, baixo relêvo em barro, executado no preciso espaço de tres horas em gabinete fechado dentro da

Academia, na conformidade dos artigos 65, 66 e 67 dos estatutos. Estas duas obras são as provas pelas quaes lhe foi conferido o 2.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

17 — Uma academia em barro, baixo relêvo, copiado do modêlo vivo para exame do 3.º anno, e pela qual foi approvado e elogiado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

18 — Estatua do Fauno com o cabrito, estudo em barro, copiado do gêsso para exame do 2.º anno, e pela qual foi approvado e elogiado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.

19 — Estatua d'outro Fauno com cabrito, estudo em barro, copiado do gêsso.

20 — O Mercurio amarrando as azas ao calcanhar, estatua em barro, cópia do gêsso.

21 — O Mercurio em pé, estatua em barro pelo gêsso.

22 — O tempo descobrindo a Verdade, medalhão moldado em gêsso, e cópia d'uma pequena medalha.

23 — As tres Graças, medalhão moldado em gêsso, cópia d'uma pequena medalha.

Do Snr. José Vasques, estudante do 3.º anno.

24 — Academia, em baixo relêvo em barro, cópia do modêlo vivo para exame do 3.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

25 — Estatua em barro do Gladiador expirando, cópia do gêsso.

26 — A Venus da concha, estatua em barro, cópia do gêsso.

27 — Uma cabeça de perfil em baixo relêvo, moldada em gêsso.
28 — Cabeça de perfil de Napoleão 1.º, em baixo relêvo moldada em gêsso.
29 — Prometheo amarrado ao Caucaso, baixo relêvo moldado em gêsso.

Do Snr. Antonio Carvalho da Silva Porto, estudante do 2.º anno.

30 — Estatua em barro do Fauno com o cabrito, cópia do gêsso para exame do 2.º anno, e pela qual foi approvado e elogiado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.
31 — Estatua da Magdalena de Canova em barro, cópia do gêsso.
32 — O Illissus, torso em barro, cópia do gêsso.
33 — Dorso antigo em barro, cópia do gêsso.
34 — Dorso de Venus em barro, cópia do gêsso.
35 — Cabeça d'um velho grego, em barro, cópia do gêsso.
36 — Medalha de Minerva, baixo relêvo moldado em gêsso.

Do Snr. José Carlos da Costa, estudante do 2.º anno, morador na travessa de Cedofeita n.º 41.

37 — Dorso de Venus em barro, cópia do gêsso.
38 — Cabeça d'Homero em barro, cópia do gêsso.
39 — Cabeça d'um homem em barro, cópia do gêsso.

Do Snr. Albano Cordeiro Cascão, estudante do 2.º anno, morador na rua de S. Lazaro.

40 — O Fauno com o cabrito, estatua em barro, cópia do gêsso para exame do 2.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

41 — Um dorso de Venus em barro, cópia do gêsso.

42 — Um dorso de Mercurio em barro, cópia do gêsso.

43 — Cabeça de velho em barro, cópia do gêsso.

Do Snr. Luiz Pinto do Couto, estudante do 2.º anno, morador na rua da Liberdade n.º 6.

44 — Cabeça de Niobe em barro, cópia do gêsso.

Do Snr. José Caetano de Lima e Mattos, estudante do 1.º anno.

45 — Cabeça d'um velho grego em barro, cópia do gêsso para exame do 1.º anno, e pela qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

46 — Um dorso de Venus em barro, cópia do gêsso.

Do Snr. José Joaquim Teixeira Lopes, morador na rua do Laranjal, e oppositor ao concurso magno triennal d'esculptura no anno lectivo ultimamente findo.

47 — O filho prodigo, moldado em gêsso, composição original para o concurso magno triennal d'esculptura, e pela qual lhe foi conferido o 1.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

48 — Idumeneo sacrificando seu filho, esboceto original, baixo relêvo em barro, executado no preciso espaço de tres horas em gabinete fechado dentro da Academia, na conformidade dos artigos 65, 66 e 67 dos estatutos.

ARCHITECTURA

Do Snr. Manoel d'Almeida Ribeiro, professor d'architectura civil, morador na rua de Santa Catharina n.º 441.

1 — Edificio para as repartições publicas da cidade de Guimarães, plantas, córte e alçado.

Do Snr. José Bonifacio Lopes Junior, tendo já completado os cursos de desenho historico e d'architectura civil, e oppositor aos premios no concurso magno triennal de 1869.

Projecto d'uma estação central para a cidade do Porto, e que lhe grangeou unanimemente o 1.º premio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

2 — { Fachada principal.
Secção segundo a linha A-B das plantas. }

3 — Planta do andar terreo.

4 — Planta do 1.º andar.

5 — Secção segundo a linha C-D das plantas.

Do Snr. José Geraldo da Silva Sardinha, pensionista em Paris na secção d'architectura.

6 — Uma igreja, fachada principal.

7 — O córte da mesma no sentido longitudinal.

8 — A planta da mesma.

Estes trabalhos foram a primeira remessa que no anno lectivo de 1868 enviou de Paris na conformidade das respectivas instrucções.

9 — Um theatro para uma cidade de segunda ordem, fachada principal.
10 — Córte do mesmo no sentido longitudinal.
11 — Planta do mesmo.
12 — Fachada principal d'um pequeno museu.
13 — Córte do mesmo.
14 — Planta do mesmo. O programma foi o seguinte:

Este museu, que se póde suppôr o d'um rico amador, deve ser considerado collocado no meio do jardim d'uma grande propriedade, formando um dos principaes pontos de vista da mesma.

Será composto d'uma sala principal que possa conter 15 estatuas antigas, e 15 quadros dos grandes mestres: — d'uma pequena sala para colleccionar vasos etruscos; — d'um gabinete de medalhas; d'uma pequena bibliotheca; e d'um vestibulo aberto.

Esta foi a segunda remessa que no anno lectivo de 1869 enviou de Paris conforme as respectivas instrucções. Tanto esta como a primeira ficam pertencendo á Academia.

Do Snr. Thomaz Augusto Soller, discipulo que foi do 3.º anno d'architectura civil; havendo estado apenas 9 mezes em Paris subsidiado pelo Governo, e por alguns particulares: morador na rua das Taipas.

15 — Fachada principal d'uma bibliotheca publica.
16 — Planta da mesma.
17 — Córte da mesma no sentido longitudinal.
18 — Capella mortuaria; planta, córte e alçado.
19 — Um pharol.
20 — A porta principal d'um arsenal de guerra.
21 — Um estudo d'architectura.

Do Snr. Theodoro Pinto dos Santos Fonseca, morador no largo de S. Roque.

22 — Projecto d'um theatro, fachada principal.
23 — Córte do mesmo no sentido longitudinal.
24 — Plantas, terrea e do primeiro andar.
Por este projecto foi o expositor não só plenamente approvado no exame do 5.º anno, mas considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.
25 — Projecto d'um quartel, fachada principal, córte e plantas, terrea, e do 1.º andar.

Do Snr. João Marques da Silva Oliveira, estudante do 5.º anno, morador na rua das Oliveiras.

26 — Um theatro, fachada principal.
27 — Planta terrea e planta do 1.º andar. Projecto que serviu para o exame do 5.º anno, e pelo qual foi plenamente approvado.

Do Snr. Antonio Carvalho da Silva Porto, estudante do 3.º anno.

28 — Projecto d'uma egreja, fachada principal e córte.
29 — Planta.
Por este projecto foi o expositor plenamente approvado e julgado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.
30 — Projecto d'um hotel; fachada principal; córte; planta terrea e planta do 1.º andar.
31 — Projecto de monumento á gloria do dia 1.º de dezembro de 1640.

32 — Projectos para escólas publicas; côrtes, plantas e alçado principal.
33 — Projecto para um Banco; alçado principal, córte e plantas.
34 — Projecto para um Café restaurante: fachada principal, córte e plantas.

Do Snr. Gustavo Justino Ferreira Pinto Basto, estudante obrigado da aula d'architectura para completar o curso d'engenheiros de pontes e estradas da Academia polytechnica, approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1868.

Projecto para uma Estação de caminho de ferro de primeira ordem.

35 — Fachada principal.
36 — Planta.

Do Snr. Alfredo Soares, estudante obrigado da aula d'architectura para completar o curso d'engenheiros de pontes e estradas da Academia polytechnica, approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

37 — Projecto de monumento a D. João primeiro.

Do Snr. Rodrigo de Mello e Castro d'Alboim, estudante obrigado da aula da architectura para completar o curso d'engenheiros de pontes e estradas da Academia polytechnica, approvado e considerado digno d'elogio em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Projecto de theatro com capacidade para mil e trezentas pessoas.

38 — Fachada principal e córte transversal.
39 — Primeiro plano e segundo plano.

Do Snr. José Augusto da Silva Pinto Abreu, estudante obrigado da aula d'architectura para completar o curso d'engenheiros de pontes e estradas da Academia polytechnica, approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Projecto d'um palacio d'industria.

40 — Fachada principal e córte transversal.
41 — Planta.

Do Snr. Angelo José Moniz, estudante obrigado da aula d'architectura para completar o curso d'engenheiros de pontes e estradas da Academia polytechnica, approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1869.

Projecto d'Academia polytechnica com internado.

42 — Fachada principal e córte.
43 — Plantas terrea e do 1.º andar.